2.° Anno — Lisboa, 21 de Dezembro de 1885 — Numero 23

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

O REAL PALACIO DAS NECESSIDADES

CHRONICA

Mais um Rei que a morte impiedosa fulmina, e este junto de nós, bem ao alcance das nossas vistas, para que a lagrima de saudade votada á sua memoria possa resvalar-nos pela face e cair-lhe sobre a mão inerte, aquella mão prodiga de beneficios, onde se apagou para sempre o calor da vida, e que fôra esteio de tantissimos desgraçados, conforto de tantos e tão grandes infortunios!

Magoara-nos ver desfeita pela tuberculose a mocidade enthusiastica e promettedora d'Affonso XII. A nossa alma enlutou-se ante o desmoronamento rapido d'aquella existencia de vinte e oitos annos, luminosa e feliz, que, do alto d'um throno, guiava, como pharol, os destinos d'uma nação gigante.

Sentimos o baque enorme do seu cadaver nas lageas frias do tumulo, baque tristonho e lugubre, que ecoou sinistramente pela peninsula inteira como um annuncio pavoroso de proximas calamidades. Sabendo-o morto, assaltou-nos o espirito um turbilhão de receios e temores, de penas e saudades,—receios pelas mil convulsões politicas que a morte do rei produziria, saudades pela juventude esperançosa que uma doença fatal aniquilara.

Distantes do funebre theatro onde se desenrolava aquella scena desoladora, nem por isso deixaram de commover-nos as lagrimas d'uma viuva ferida em pleno peito, e de duas criancinhas sem pae, apunhaladas subitanea e cruelmente pela mão do destino, em meio dos seus brinquedos infantis. Vimos de longe essas lagrimas, rolando uma a uma das faces da rainha soluçante sobre o cadaver gelido do rei, como prantos da aurora a infiltrarem-se gotta a gotta na crypta silenciosa e negra d'um mausoleu. Vimo-l'as, adivinhámo-l'as, e compungio-nos o quadro da realeza arrastando crepes, e medimos toda a magnitude d'aquella immensa dôr, e avaliámos todo o pezo d'aquelle infortunio enorme.

No entanto, Affonso XII quasi que era para nós um estranho. Conheciamo-l'o mais pelas biographias e pela Historia, que por elle proprio. Mal lhe ouviramos a palavra insinuante e energica; apenas crusaramos o nosso olhar com o seu duas vezes, se tanto, n'uma rapida passagem de *touriste* pela côrte madrilena. Sabiamos, do seu caracter e das suas aptidões, aquillo que os biographos aduladores e os chronistas nem sempre conscienciosos nos diziam. Era um bom rapaz e um bello rei, eis tudo. Bom rapaz, porque no seu coração de vinte e oito annos não se acoitavam sentimentos ruins; excellente rei, porque lográra dirigir com acerto uma nação pouco menos que ingovernavel.

D. Fernando, esse, nunca para nós foi um estranho. Creanças, escutámos-lhe em toda a parte, pelos passeios e pelas ruas, a palavra bondosa e acariciadora. Homens, vimos a sua historia fazer-se dia a dia, constituida por milhares d'actos nobilissimos e meritorios. Ainda no berço, já nos ensinavam a soletrar-lhe o nome sympathico, aureolado pelo respeito popular e pelo prestigio d'outro nome não menos venerando, que se associára ao seu em monogramma aurifulgente. Nas escolas, aprendemos a amal-o como modelo de reis constitucionaes, de paes amantissimos e de esposos dedicados até ao sacrificio. Na vida publica, venerámo-l'o pela sua existencia despretenciosa e democratica, que de soberano só tinha o fausto, mas um fausto *sui generis*, differente de todos os outros onde se asphixia a realeza, d'aquelles que nos não esmagam sob o pezo de velludos e arminhos, que não insultam nem se impõem, que não deixam nas almas pequeninas uma sombra sequer d'inveja e de ciume.

El-rei D. Fernando não conquistara affeições e respeitos por esta especie de convencionalismo tradicional, que leva os povos a respeitarem os soberanos e as multidões a acclamarem enthusiasticamente os principes, na sua passagem. A conquista do affecto popular, hoje mais do que nunca evidenciado em prantos sinceros diante do seu cadaver, fel-a elle, não invocando direitos proprios de soberania, mas prodigalisando esmolas e amparando viuvas sem arrimo; esvasiando os seus bolsos nas mansardas humildes onde se acoitava a pobreza envergonhada; sendo protector solicito das Artes, que renasceram entre nós ao sopro vivificador da sua iniciativa; cedendo bizarramente os seus subsidios a favor das urgencias do Thesouro; levando o pão e a esperança aos desesperados e aos famintos; realisando os sonhos de muitos artistas, ricos de talento mas pobrissimos de fortuna; transformando em risos de felicidade as lagrimas que brotavam da miseria e do desconforto.

Foi assim que elle fez a conquista das sympathias populares, que elle avassalou a si, por um reconhecimento profundo e indelevel, o paiz onde nem sequer nascera. Foi d'esta sorte que o illustre principe estrangeiro conseguiu chegar ao fim da existencia, sem ver empanar-lhe o brilho da corôa uma simples malquerença, um odio pequenino, um motejo ou uma censura.

Conscio do bem que prodigalisava e do direito que tinha ás adorações de toda a gente, percorria, sem receio de qualquer affronta villã, muitas vezes a pé e sósinho, os sitios mais publicos da capital, mostrando-nos aquella formosa cabeça á Van-Dick, tão erecta e tão firme, mesmo depois de sobre ella alvejarem as cans dos sessenta invernos, afagando-nos a alma com aquelle seu eterno sorriso acariciador, paternal e franco, que era o enlevo das creanças e dos velhos, dos pobres e dos desventurados.

E quando elle passava, as multidões descobriam-se sempre reverentes, não com as barretadas e os salamaleks banaes que um simples dever de cortezia prescreve, mas com o acrisolado respeito que se inspira d'uma gratidão profundamente sentida, d'uma sympathia enorme, d'um amor verdadeiro e sincero, tão sincero como o affecto que elle votava á sua patria adoptiva, tão verdadeiro como a nobreza immaculada do seu grande caracter e do seu incomparavel coração.

Sabendo-o tão generoso e tão magnanimo, a synthese humana de todas as virtudes, a consubstanciação de todos os dotes d'espirito mais alevantados, parece até que a Morte se quiz apiedar d'elle, poupando-o aos horrores das fartas hemorragias cancerosas—epilogo fatal da sua incuravel enfermidade — para lhe dar um passamento tranquillo, inesperado, suavissimo, sem agonias lentas e dolorosas, sem a consciencia esmagadora e triste do abandono da vida e da avisinhação do tumulo.

D. Fernando não morreu da doença horrivel que o ia minando pouco a pouco, e de cujos effeitos lethaes nunca suspeitára sequer. A Providencia poupou-lhe essa desillusão cruelissima. Foi justo e merecido o premio.

Vimos hontem o seu cadaver, envolto na farda de generalissimo, e deitado sobre a urna funeraria que ha de conduzil-o da camara ardente ao pantheon dos Braganças.

Relembrando diante d'esse cadaver o que foi o Homem, a Chronica não poude esconder uma lagrima de saudade e... chorou, e vem hoje vestir-se de luto para o acompanhar, de cabeça descoberta, na sua passagem para a paz eterna do tumulo.

CASIMIRO DANTAS

HISTORIA DA LEGIÃO PORTUGUEZA

ENTRE DUAS CAMPANHAS

Emquanto uma parte da legião portugueza recebia em Paris todos estes mimos e todas estas caricias do imperador, a outra parte, aquartelada em Grenoble, preparava-se para novo serviço. Essa parte da legião, porém, é que de portugueza só tinha quasi o nome e alguns officiaes. Completavam-se as suas fileiras com prisioneiros hespanhoes, que eram facilmente alliados pelos recrutadores, que para isso os seduziam com a perspectiva de bom pret e de bom rancho.

Com os soldados que assim se agglomeravam em Grenoble, ordenou Napoleão que se formassem dois batalhões provisorios. Foi organisal-os o general Muller, o antigo instructor da legião, que deu o commando d'elles aos chefes do batalhão, Bernardino Antonio Moniz e Francisco Claudio Blanc. Com os dois batalhões se constituio um regimento provisorio, de que foi nomeado commandante o major Antonio José Baptista, e que recebeu ordem para ir estar de guarnição em Genebra, onde receberia novas ordens.

Dois mezes depois organisou-se em Grenoble um terceiro batalhão provisorio, cujo commando foi dado a mr. de Martigny, e que tambem marchou para Genebra. Depois, Gomes Freire de Andrade, que estava n'essa occasião na Baviera, recebeu ordem de tomar o commando dos tres batalhões portuguezes. Juntavam-se a estas tropas alguns regimentos francezes, constituindo-se assim um pequeno exercito, que, debaixo do commando do general Berthier, foi occupar o cantão de Valais, que Napoleão annexou sem ceremonia á França. A Europa estava já costumada a estas violencias do grande imperador, e calava-se emquanto não podia reagir. Menos ainda reagio o cantão de Valais, que já pouca independencia disfructava debaixo do protectorado do seu poderoso *mediador*, titulo que Napoleão adoptára com relação á Suissa. Não tinha sido necessario esse apparato bellico para se realisar a occupação.

Julgára o imperador que as tropas, que procurára seduzir e deslumbar em Paris, estavam já completamente fascinadas, e não teriam duvida em vir a Portugal combater os Inglezes, os nossos verdadeiros oppressores, como elle dizia, talvez com razão no fundo. Nas mãos dos Inglezes as tropas portuguezas eram apenas um instrumento de defeza contra Napoleão. Pouco lhes importava a sorte de Portugal. E' certo, porém, que tinham sabido respeitar melhor do que os Francezes os melindres do povo, de fórma que os nossos soldados estavam perfeitamente consubstanciados com os Inglezes na defeza do paiz. Nas linhas de Torres-Vedras, porém, as tropas portuguezas defendiam a sua capital; Wellington tratava unicamente de cobrir de um modo energico a sua linha de retirada.

As tropas, que tinham estado em Paris, receberam então ordem para marcharem para Bayona. Fizeram-n'o com evidente má vontade. Seguiram pela estrada de Tury, Orléans, e Montrichard. Aqui, receberam ordem para fazer alto. Napoleão tivera conhecimento da situação do espirito da legião, e sobretudo recebera más noticias de Massena. Não lhe convinha que a legião se estreiasse em Portugal n'alguma batalha infeliz para os Francezes. Além d'isso desejava experimentar a solidez do affecto da legião ás instituições imperialistas, mandando primeiro para o exercito de Massena um grupo de officiaes. Os escolhidos foram o marquez de Alorna, que estava n'essa occasião em Hespanha, no quartel-general do rei José, Pamplona que estava em Gray no deposito de cavallaria da legião, e com elle o major Antonio Nobre, os marquezes de Valença e de Loulé, e o dr. Caractery, cirurgião militar da legião, que estavam em Metz, o conde de Sabugal, que estava em Paris, o brigadeiro D. Manuel de Sousa, os coroneis marquez de Ponte de Lima, conde de S. Miguel, e José de Vasconcellos, os majores Manuel de Castro e Candido José Xavier, e o tenente Antonio Severin de Gusmão, que estavam em Grenoble.

No quartel-general de Massena ficaram o marquez de Alorna, o general Pamplona e o major Nobre; os outros foram para o estado-maior do general Drouet, commandante do 9.º corpo de exercito, que mandou quatro para a primeira das suas divisões de infanteria, cinco para a segunda e um para a cavallaria, commandada pelo general Fournier.

De todos estes officiaes o que representou um papel menos desculpavel foi o general Pamplona. Massena deu-lhe o commando militar de Coimbra, que elle acceitou. Allegou depois que o fizera para salvar a Athenas portugueza da furia da soldadesca, e que effectivamente o conseguiu, graças á força que recebera de Massena. O motivo podia ser justo; mas a situação era tão falsa que, acceitando este commando militar, ou tinha de trahir os interesses do seu paiz procedendo severamente contra os inimigos dos Francezes, que abertamente conspiravam para os expulsar, ou tinha de trahir a confiança que n'elle depositáva o general francez, fechando os olhos aos tramas que contra elle se urdiam.

Assim que entraram em Portugal, escaparam-se das fileiras francezas o conde de Sabugal e José de Vasconcellos. Os outros ficaram logo submettidos a severa vigilancia. Quando, porém, Marmont veiu substituir Massena, essa vigilancia affrouxou, e o marquez de Alorna pediu mesmo ao novo marechal duque de Ragusa, homem illustradissimo, e que gostava de se mostrar oposicionista, licença para voltar para França, o que lhe foi logo concedido. Os marquezes de Valença e de Ponte de Lima esses escaparam-se pouco depois, aproveitando uma ausencia de Marmont, que fôra a Paris conferenciar com o rei José. D'isso se queixa o marechal nas suas *Memorias*.

«Os marquezes de Valença e de Ponte de Lima, diz elle, desempenhavam junto de mim as funcções de ajudantes de campo. Durante a minha estada em Madrid, esses dois officiaes deixaram furtivamente o meu quartel-general e passaram para Portugal. Fariam melhor se se recusassem a ser empregados, e pedissem para ser enviados para França, o que eu lhes teria concedido como o concedi ao marquez de Alorna; mas compadeci-me da sua situação, e não tomei contra elles medidas algumas de rigor, julgando que era infortunio bastante para elles o terem feito á força, durante mais de um anno, um serviço tão contrario aos seus sentimentos e aos seus deveres para com o seu paiz.» (*)

Devemos notar que esta benevolencia de Marmont tem explicação. Não era muito facil ao illustre duque de Ragusa tomar medidas de rigor contra dois officiaes que estavam no quartel-general de Wellington. Mais facil seria talvez a Wellington tomar medidas de rigor contra officiaes que estivessem no quartel-general de Marmont, como depois se provou em Salamanca. Mas, emfim, o illustre marechal o que não podia haver dava-o por amor de Deus.

A experiencia, como se vê, não provára bem. Dos officiaes enviados a Portugal voltaram para França apenas os marquezes de Alorna e de Loulé, o conde de S. Miguel, os generaes Pamplona e D. Manuel de Souza, os majores Nobre, Manuel de Castro e Candido José Xavier e o tenente Antonio Savero de Gusmão. E sabe Deus com que pena elles voltavam as costas á terra da patria, que lhes abrira as portas, que os tentára com as suas verdejantes campinas, com os seus claros rios e o seu limpido ceu, para tornarem á terra do exilio!

Desistindo de empregar em Portugal as tropas da legião portugueza, Napoleão destinou-as a um singular mister. Como todos sabem, o regimen imperialista, regimen todo militar, era severissimo para os que pretendiam eximir-se ao recrutamento. Os refractarios eram perseguidos como feras, chegaram a constituir bandos armados, que resistiam ás tropas, e se batiam, impellidos pelo desespero, contra os seus compatriotas, para não terem que se bater contra o inimigo. Era este o reverso d'aquella deslumbrante medalha napoleonica, reverso tão bem descripto por Erckmann-Chatrian nos seus admiraveis romances populares.

Tudo isto fazia com que redobrassem as medidas de rigor, e Napoleão punia as familias dos refractarios mandando as suas divisões percorrer as provincias onde elles abundavam, e obrigando os paes a aboletar e a sustentar as tropas, dando além d'isso um franco por dia a cada soldado, dois a cada official inferior, quatro a cada official subalterno, seis a cada official superior.

Eram respectivamente 180, 360, 720 e 1:080 rs. fóra o sustento, que tinha de pagar por cada dia e por cada aboletado a desgraçada familia do refractario, e isto durava até que este se apresentasse.

A iniquidade da medida aggravou-se ainda com o facto de fazer parte a legião portugueza das tropas assim aboletadas! Effectivamente o 3.º regimento de cavallaria, na força de 200 cavallos, commandado pelo capitão David Pinto de Moraes Sarmento, saíu de Châteauroux para Limoges, de Limoges partiu para Toulouse, onde se uniu ás forças do general Lagrange, que commandava dois mil soldados de infanteria, e trezentos da gendarmeria a cavallo da guarda imperial. Esta pequena divisão percorreu os departamentos dos Pyreneus Orientaes, seguindo a estrada de Rieux, de Saint-Gèrona, e de Foix, e aboletando-se, como dissemos, em casa das familias dos refractarios. A medida era efficaz, porque, havendo quatro mil refractarios nos departamentos percorridos pela divisão, no fim de tres mezes, quando a cavallaria portugueza retirou para o seu aquartelamento definitivo d'Epinal, 3:500 d'estes refractarios tinham-se apresentado nos depositos de Toulouse.

Mas fazia bem Napoleão, costumando o povo francez a aboletar soldados estrangeiros e a pagar-lhes contribuições de guerra? A campanha de 1814 demonstrou-lhe que não, quando, invadida a França, o povo fatigado abriu com indifferença as suas portas aos aboletados estrangeiros. O proprio Napoleão os acostumára, havia muito, a ouvirem fallar aos soldados aboletados, e a quem pagavam, uma lingua desconhecida.

PINHEIRO CHAGAS.

(*) *Memorias do marechal Marmont*, tom. IV, liv. XV, pag 72.

A UMA VIRGEM DO NORTE

(INEDITOS)

O teu olhar piedoso, o teu piedoso olhar
Enche-me a alma assim como se fosse um mar!
E's para mim, archanjo! a estrella da virtude
Que azula o eburneo mar da minha juventude.
E's meu pharol, meu norte... E's tu quem me allumia,
Quer haja treva ou luz, quer seja noite ou dia.
Em ti eu vejo bem e claramente escripto
O evangelho que leio, ás noites, no infinito;
E leio n'esse olhar, aonde o amor reside,
Os hymnos de Moysés e os psalmos de David...
Os cravos, os jasmins, o malmequer e as rosas
Orvalhados de uncção e graça mysteriosas
Diluidos, n'um fino e delicado mixto,
Dão a côr d'esse olhar, que lembra o olhar de Christo.
Ah, quantas vezes scismo! ah, quantas vezes penso,
Ao ver n'um templo erguer-se, em espiras, o incenso,
Que és tu a Virgem e é aos grandes olhos teus
Que elle se eleva, em vez de se elevar aos céus!
E quando, á noite, ao pé dos cannaviaes do rio,
Nasce o formoso luar d'um meigo azul sombrio,
E áquella hora estás já recolhida em casa,
Como andorinha mansa, occulta sob a aza,
Eu penso que és tu, flôr! penso que é o teu olhar
Que está dos altos céus a terra a allumiar!
Não ha por certo, não, em toda a natureza
Coisa que tenha mais doçura e mais tristeza...
Nem os lirios ideaes, ossanicos, algentes,
Que nascem, anjo loiro! á beira das correntes...
Nem o luar que doira as mansas oliveiras,
Nem pela noite adiante o canto das ceifeiras.
E quando o velho Deus, com sua mão de fada,
No azul faz despontar de subito a alvorada,
Esparsa ao vento a loura e emaranhada coma,
A' janellita verde essa cabeça assoma,
Banhando-se na luz que a madrugada chora...
E é, então, que p'ra mim desponta o dia, a aurora.
E ao ver tamanha luz e tanta claridade
Eu digo:—Inunda-me a alma o azul da immensidade!
Em sonhos,—atravez d'essas janellas francas,—
Eu vi sair do ninho um bando de aguias brancas
Que ao verem fulgurar os grandes céus radiantes
Ficaram a voar suspensas, hesitantes,
E não sabendo, flôr! que direcção tomar:
...E' que ellas tinham visto outro céu:—esse olhar!
O teu radioso olhar, irmã das açucenas!
Occulto sob o véu das palpebras serenas,
Iria como um sol immenso despertar
Os genios, as visões que habitam sob o mar.
E os tristes animaes, os tragicos leões
Que vivem, só com Deus, nas grandes solidões,
Ao verem fulgurar essa alvorada estranha
Subiriam ao topo agreste da montanha,
E d'esse templo ideal, phantastico e selvagem,
Adorariam, flôr! a tua branca imagem...
N'aquella adoração extactica e piedosa
Que um monge tem aos pés da Virgem Lagrymosa.
E ver-se-hia, então, errantes, ás procellas,
Não rabidos leões, mas timidas gazellas!
Porque esse olhar transforma as arvores em flôres,
Em lagos o oceano, e em pombas os condores.
Já vês, portanto, o amor que eu tenho e poucos teem,
A adoração que a ti consagro e a mais ninguem.
Nunca te fallo, nunca! adoro-te de longe:
Tu és a Virgem Mãe; eu sou o triste monge!
E só encontro a paz no meu isolamento,
Quando na aza immensa e célere do vento,
Me chega a tua voz angelical, de miss,
Como uma orchestra de ais que eu a distancia ouvisse
E só desponta o luar na minha *selva escura*,
Quando te vejo, quando o teu olhar fulgura,
Porque esse olhar sereno, extactico, radiante,
Cheio de piedade amiga e soluçante,
E' um grande mar azul, profundo e socegado,
E' mais do que uma estrella: é um céu todo estrellado!

Porto, 1885. ANTONIO NOBRE.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 22)

II

O irmão da condessinha

O parlatorio era uma casa comprida, estreita, uma especie de corredor de claustro, cortada ao meio por uma grade de madeira, uma grade perfeitamente convencional, *pro forma*, que não tinha serventia alguma séria, e apenas representava ali a velha clausura religiosa.

Do lado de cá da grade, na parte destinada ao publico, havia um piano, uma mesa, cadeiras, canapé, a mobilia modesta d'uma sala pobre e burgueza: do lado de lá, outro piano, tres ou quatro cadeiras, collocadas junto á grade, umas mesas ao pé das paredes, com ramos de flores de cêra feitos pelas educandas.

Quando Elisa e Clara entraram no parlatorio, seguindo a velha abbadessa, a sala estava deserta.

O irmão da condessinha, cansado de esperar, aproximou-se d'uma das janellas de saccada que deitavam para o pateo d'entrada do convento, e que eram gradeadas de ferro, como as janellas d'uma cadeia.

A velha abbadessa, não vendo ninguem na sala, tossiu como nas farças antigas tossiam as namoradas burlescas: o irmão da condessinha affastou-se da janella e encaminhou-se cheio de sincera alegria, de verdadeiro alvoroço para a grade, da qual se approximaram a velha freira e as duas gentis educandas.

Era um bello rapaz, esse irmão de Elisa, que não a conhecia a ella, e a quem ella, no fim de contas, só conhecia por um retrato: era alto, elegante, desempenado, muito branco, grandes olhos negros, e a barba um pouco encaracolada, crescida á ingleza, mas cuidadosamente penteada e apartada ao meio.

—Minha irmã, disse elle com uma pronuncia um pouco inglezada, mettendo a mão por entre as grades.

Clarinha affastou-se muito enleiada: Elisa não estendeu a mão á que lhe offereciam, e tomada de repente d'uma idéa subita, perguntou sorrindo:

—Qual das duas?

Roberto, que assim se chamava o filho do conde de Sendim, hesitou um momento, olhou para ambas, um pouco intrigado, e depois, estendendo corajosamente a mão á Clarinha, disse-lhe decidido:

—Tu.

Clara recuou assustada, fazendo-se muito vermelha e a condessinha rindo muito, muito, deu uma sapatada na mão de Roberto, com quem tinha de ha muito, por cartas, uma grande familiaridade alegre e intima de irmãos.

—Adivinhaste, menino.

A abbadessa assistia a toda essa scena jovial, muito carrancuda. Se aquella rapariga não fosse a rehabilitação do convento, e aquelle rapaz o filho do conde de Sendim: se o capellão não tivesse fugido com a mestra de piano; ai! que boa descompostura de freira que ella daria a ambos, e como saberia pôr os dois no seu logar: Eliza na classe e seu irmão no meio da rua. Mas não podia ser: não podia respingar, porque o convento tinha um escandalo fresco no seu passado e o pae d'aquellas duas creanças é que o tinha feito esquecer; e por isso, forçando um sorriso amavel, disse com a sua voz fanhosa, levemente reprehensiva:

—Então menina, que brincadeiras são essas? O senhor não faça caso; sua irmã é esta creança louca que aqui vê.

—E' esta é, respondeu Roberto apertando com verdadeira effusão as mãos d'Eliza, agora já a conheci, é a mesma das suas cartas.

E voltando-se para Clarinha, accrescentou:

—Peço-lhe perdão, minha senhora.

Clarinha corou ainda muito mais, o sangue parecia que lhe ia rebentar pelas faces, e não respondeu nada.

A condessinha é que respondeu, tomando ares d'uma bella gravidade comica!

—Ora essa! Está perdoado, meu senhor.

E depois, mudando logo de tom, perguntou-lhe:

—Então quando chegaste? conta-me cá.

—O que? O papá não te disse nada?

—O papá? Isso sim, ha mais de quinze dias que não apparece aqui.

—Pois eu cheguei ante-hontem de Londres. Apenas soube lá a noticia da morte da nossa pobre mãe, fiz immediatamente tenção de vir cá, e não vim mais cedo porque não podia abandonar a casa que tenho toda a meu cargo, sem deixar quem me substituisse durante os dias que estiver ausente.

—O que? tu voltas para lá?

—Volto. Demoro-me apenas um mez, se tanto.

—Que pena! disse a condessinha, muito triste: nunca te vi, e agora que te vejo pela primeira vez, e que gosto tanto de ti, porque tu és muito bonito...

—Creança! interrompeu Roberto, sorrindo.

—E's, és, insistiu Elisa, e voltando-se para sua amiga perguntou:

—Não é verdade, Clarinha, que meu irmão é muito bonito?

A Clarinha atacada á queima roupa por esta pergunta, escondeu-se atraz da abbadessa, que reprehendeu com a tal bonhomia postiça a que obrigava o nome do conde de Sendim:

—Então, menina!

—O que tem isso, senhora Abbadessa. Então eu não posso achar bonito o meu irmão? E' a primeira vez que o vejo: nasce-me de repente um manosinho d'este tamanho, com estas barbas respeitaveis, e eu não posso dizer o que sinto? Ora essa!

—Mas dize-me, Elisa, tu és uma cabeça no ar, e nossa mãe? Ainda não me fallaste d'ella!

Rei D. Fernando

—Ah! tens rasão! respondeu a condessinha entristecendo de repente. Nossa mãe, coitadinha! O que ella fallava em ti, e o que lhe custou morrer sem te abraçar!

—Pobre mãe! murmurou Roberto com os olhos rasos d'agua.

—Ah! se tu a conhecesses como eu a conheci, se vivesses com ella como eu vivi... ai! que santa! que santa!

E pelas faces de Elisa correram duas grossas lagrimas.

N'esse momento a porta da sala abriu-se.

(Continúa.) GERVASIO LOBATO

NO QUARTO DE LAIS

(INEDITO)

E' de volupia o leito em que adormeço.
roçam-me a carne beijos e plumagens;
alvo collar de perolas sem preço
lança em meus olhos uns clarões selvagens...

Fatem da Lua os raios no collar.
sinto o teu corpo—um divinal thesoiro—;
e lembram-me essas formas, ao luar.
folhas de lyrio com vislumbres de oiro.

*
* *

Na purissima tez fina e vivace,
que só de olhal-a fica um peito exangue,
tens uns veios azues, como se andasse
uma saphira a percorrer-te o sangue.

Com essas formas idealiso o harem...
Deslumbrantes houris, meu sonho inerme,
não tem o brilho que os teus seios têm
na penugem doirada da epiderme.

*
* *

Dá-me essa taça cheia de segredos,
esses contornos placidos de arminho...
deixa que eu gose os teus encantos lèdos,
como quem sorve um delicioso vinho.

Que sède eu tenho, quando nos abraça
um balouçar suavissimo de rède...
porem, se bebo da iriada taça,
fico-me sempre com a mesma sède.

*
* *

Cerro meus olhos languidos, de leve,
fazem-me doido uns labios tão vermelhos;
como a dois travesseiros, côr de neve,
justa-se a branca roupa aos teus joelhos.

Repoiso, então, sobre esses travesseiros,
pois, se te abraço, pompa, desfalleço.
Da aurora fulgem os clarões primeiros;
é de volupia o leito em que adormeço.

Coimbra. ANTONIO FOGAÇA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O REAL PALACIO DAS NECESSIDADES

O palacio das Necessidades, onde falleceu el-rei D. Fernando, foi a antiga residencia real da rainha D. Maria II. Ali nasceram todos os seus filhos, e ali exhalaram o ultimo suspiro aquella augusta soberana, el-rei D. Pedro V, a rainha D. Estephania, e os infantes D. Fernando e D. João.

Este palacio tem a sua historia especial. A construcção da capella de Nossa Senhora das Necessidades data dos fins do seculo XVI, e foi o resultado d'um voto piedoso feito por occasião da terrivel epidemia que em 1590 assolou Lisboa.

A egreja foi consideravelmente augmentada pela rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboya, esposa de D. Affonso VI e D. Pedro II, e desde então data a devoção da familia real pela veneranda imagem da Virgem ali consagrada. D. João V, achando-se gravemente doente, soccorreu-se ao patrocinio da Nossa Senhora das Necessidades, e como houvesse alcançado melhoras, mandou construir, em acção de graças, o actual templo, erigindo-lhe annexo o palacio.

O palacio das Necessidades, situado n'uma posição magnifica d'onde se disfructa um lindissimo panorama, divide-se em dois grandes corpos, o primeiro dos quaes, onde residiu o sr. D. Pedro V e onde existem soberbas salas, actual residencia do sr. infante D. Augusto e onde se acha estabelecida a védoria da casa real, em frente ao grande largo e ao lado da da capella; o segundo, isolado d'este, perfeitamente independente, onde habitava o sr. D. Fernando e onde estavam reunidas as preciosidades artisticas, que o augusto principe accumulára e que valem algumas centenas de contos de réis. O primeiro corpo do edificio é um pouco triste, mas o segundo estava verdadeiramente destinado a ser residencia d'um principe como o sr. D. Fernando, embora se note em todo elle o que quer que seja d'aspecto claustral.

Algumas recordações historicas se acham vinculadas ao palacio das Necessidades. Entre ellas avulta a de se haverem ali reunido as famosas côrtes constituintes de 1820, e de n'elle ter estado installada a celebrada Congregação do Oratorio. Sob o ponto de vista architectonico, o palacio das Necessidades não se recommenda muito. E' de construcção pesada, monotona, com um cunho religioso perfeitamente accentuado. Na egreja ha umas esculpturas de certo valor artistico e historico, obra do esculptor portuguez, José d'Almeida. A antiga bibliotheca das Necessidades era valiosissima, reunindo consideravel numero de edições raras, tanto nacionaes como estrangeiras, e sobre tudo rica e preciosa pela abundancia de manuscriptos, de grande importancia para a historia nacional. O espirito esclarecido do sr. D. Fernando accrescentou e engrandeceu notavelmente o valor interior do palacio com as suas curiosas e importantes galerias.

A parte do palacio das Necessidades habitada pelo sr. D. Fernando era, naturalmente, a que mais devia prender a sua attenção e onde o illustre principe reuniu as suas preciosas collecções. A entrada da residencia real é alguma coisa mais do que modesta. Penetrando-se por um largo portão conventual, e atravessando um vasto pateo sem arvores, chega-se a um estreito corredor coberto, ao lado do qual está o gabinete do guarda-portão, singelamente mobilado. Em frente, no primeiro pavimento, acha-se uma porta estreita, que nos franqueia uma pequena sala de espera, cercada de moveis antigos e tendo suspensos da parede alguns retratos a oleo, de antigos principes da casa real portugueza. A' sala de espera segue-se uma extensa galeria, adornada de preciosos quadros antigos e de magnificas esculpturas de artistas nacionaes.

*

N'este ponto da nossa descripção, achamos opportuno dar a palavra ao primoroso estylista, sr. Pinheiro Chagas, que ha tempos nos revelou, nas filigranas delicadissimas do seguinte artigo, as raras bellezas artisticas contidas no palacio das Necessidades:

«Tudo nos inspira—diz o brilhante escriptor—como que o vago respeito, que se sente em uma capella da Batalha, ou em uma egreja de Roma, porque a arte é tambem uma religião, e as suas obras primas teem sempre um não sei quê de hieratico.

Depois de se ter dado uma rapida vista de olhos a todas estas maravilhas, ou se abre a porta da sala immediata e apparece el-rei com a sua bella cabeça á Van Dick, se não tenciona dar á visita um caracter mais intimo; ou apparece de novo o criado, que nos introduziu, e, abrindo-nos a porta por onde entrámos, pede-nos que o acompanhemos.

Seguimos então, em um verdadeiro enlevo, um longo corredor, que tem d'um lado e de outro umas extensas filas de estatuas e de quadros.

Na penumbra mysteriosa, em que de dia essa galeria se conserva, vê-se alvejar o marmore branco das estatuas e mal se divisam as figuras adormecidas no fundo das telas; mas á noite, quando o gaz brilha por toda a parte com a sua luz crua e branca, então animam-se essas paredes, e o mundo de personagens, que n'essas telas habitam, assume como que uma existencia phantastica.

Ao fundo do corredor abre-se uma porta á esquerda, e eisnos entrados no *sancta sanctorum.*

A' nossa entrada el-rei levanta-se, e, passados os primeiros comprimentos, achamo-nos perfeitamente em presença d'um artista.

Accendem-se os charutos fraternaes e principia o tiroteio do cavaco á vontade. El-rei folga de ser o cicerone dos seus proprios thesouros.

A um canto da janella está uma pequena meza, onde elle se entretem com um trabalho novo, que executa admiravelmente—a pintura de pratos de loiça das Caldas.

Mostra-nos os seus finos pinceis e explica-nos a miudeza do processo. Como de costume, desenrola-se no fundo dos pratos a choréa das creações predilectas da phantasia real. São uns verdadeiros sonhos d'um artista allemão da Renascença, umas phantasias shakespereanas, um Fallstaff, que empunha uma taça de fórmas adoraveis, uns gnomos, que despejam sobre a cabeça d'um cavalleiro um liquido contido em uns jarros todos lavrados e cinzelados com mil arabescos phantasiosos, uns animaes, que nunca existiram, em que montam umas bacchantes em delirio, e uns de-

O GRUPO DO LEÃO

vaneios, emfim, de *midsummer night*, umas miscellaneas da Meia edade e da Renascença, que constituem o ideal artistico de D. Fernando, o que explica a sua paixão pela architectura manuelina, e a direcção que imprimiu aos maravilhosos trabalhos do seu castello da Pena.

E, depois de ter mostrado o que sabe fazer, mostra-nos tambem o que sabe comprar. Não ha uma só excursão sua, no paiz ou fóra d'elle, de que se não encontre vestigios n'esse esplendido museu.

Aqui vê-se uma manilha de oiro, evidentemente celtica, encontrada em umas excavações nas proximidades de Coimbra, além uma lanterna da Meia edade, que trouxe da sua viagem á Allemanha.

Em um outro quarto encontra-se uma collecção completa de crystaes de Veneza e da Bohemia, de grandes copos de vidro pintado, por onde bebiam os margraves o vinho do Rheno.

E' realmente um formoso palacio aquelle, não pela sua apparencia exterior de arte, mas pelas bellezas que encerra. El-rei D. Fernando soube dar á sua verde velhice todos os esplendores e todos os encantos d'estes magnificos soes poentes dos modernos outonos, e dizemos modernos, porque recentemente uma desconhecida fada tem sabido doirar d'um modo maravilhoso o horisonte occidental nas horas suavissimas do pôr do sol.

Está banido d'ali cuidadosamente tudo quanto possa lembrar a realeza. Um guarda-portão familiar sae d'um quarto com um sorriso amavel para nos abrir a pequena porta do palacio, uma porta intima, uma porta com grandes batentes, e por traz da qual não está nem um só d'esses vistosos e empertigados archeiros, que ornam as salas de espera dos nossos paços. Por um pouco mais tocava-se a campainha e perguntava-se ao criado, que apparecesse ao cimo da escada a perguntar quem era, se o sr. D. Fernando estava em casa.

Ainda assim, o guarda-portão nos abre a porta, ajuda-nos carinhosamente a despir o paletot, accommoda-o em cima d'uma cadeira e entrega-nos a um outro criado, que nos aconselha que não tiremos o chapeu, para não nos constiparmos, e nos introduz em um vasto salão de espera.

Peça o visitante a Deus que el-rei não possa receber immediatamente. Uma hora de espera seria um verdadeiro dom do ceu. E' que se está ali verdadeiramente no vestibulo do Paraiso.

Na frente uma armadura magnifica. Um paladino da Edade media, vestido com todas as armas, monta um cavallo de madeira bem lançado e coberto egualmente com os xaireis bellicosos, que carregavam na Edade media esses ginetes, de certo mais robustos de que os nossos.

Defronte, na parede, um Holbein maravilhoso, um dos mais bellos quadros conhecidos d'este grande pintor, apresenta em uma perspectiva admiravel, que parece prolongar para além da téla uma longa avenida, uns formosissimos grupos.

A um lado um quadro moderno de Tony de Berghe, digno de figurar a par das obras primas da Renascença; aos cantos uns cabides de armas dos seculos XVI e XVII, espingardas com os longos canos adamascados, piques de ferro agudo e luminoso; pelas paredes pequenos quadros que são outras tantas joias, uns escorços de Ribera, uns quadros de genero da escola franceza, e sobre as *étagéres* de Boule uns pequenos moveis cinzelados, lavrados, marchetados, de bronze e de marfim, com umas chaves, que são uns brincos, e umas tampas, que são uns poemas; e a um lado panoplias, e ao outro lado baixos relevos; e em toda esta vasta sala não ha um objecto só que destôe da sua magnifica severidade ornamental, não ha uma banalidade de *bric-á-brac*, nem um enfeite d'um gosto mediocre.»

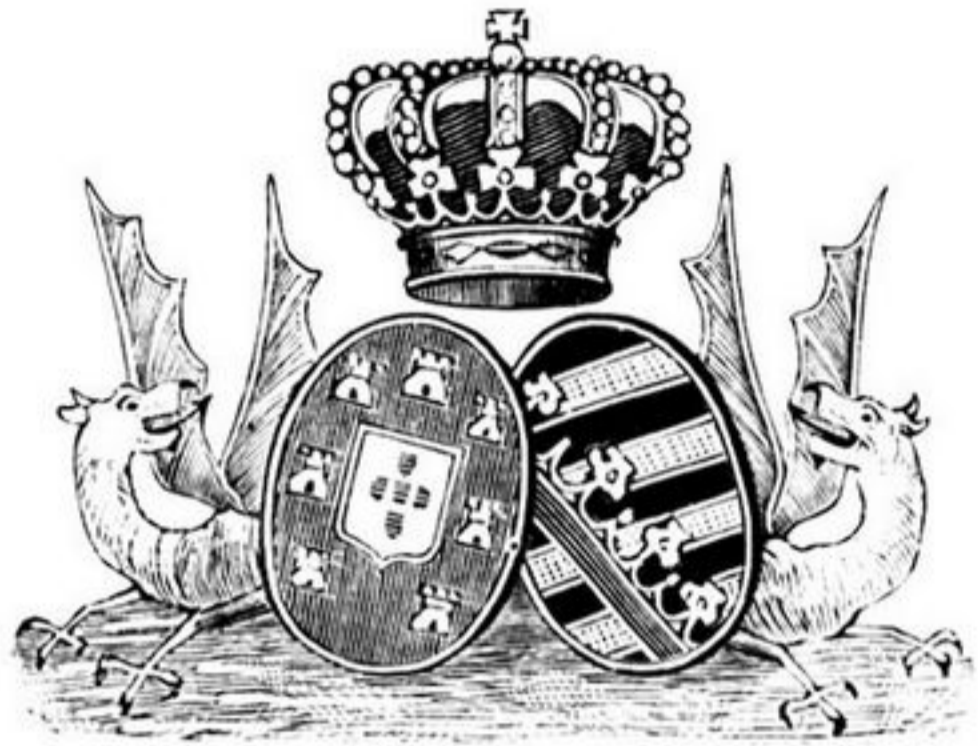
*

O quarto de cama onde el-rei falleceu, tem apenas duas janellas. No centro, encostado á parede do lado direito, vê-se um grande leito antigo, com cortinados de seda adamascada. Em volta, magnificos quadros, *étagéres* cheias de preciosidades artisticas, pequenos quadros em esmalte, de Limoges, dois soberbos crucifixos antigos e uma valiosa *Mater Dolorosa*; ao lado direito do leito, um pequeno quadro de auctor, representando a *Sacra-Familia*, e quadros de Lupi e Silva Porto. A'parte o valor dos objectos d'arte que se accummulam n'este quarto, póde dizer-se que o seu aspecto geral é modestissimo.

*

A bibliotheca é uma espaçosa sala, cercada d'altas estantes fixas ás paredes. Tem largas janellas abertas sobre o jardim. Todos os livros, onde predomina a litteratura allemã, estão primorosamente encadernados. Entre as preciosidades aqui encerradas avultam as raras e custosas collecções de gravuras, todas collocadas em pastas e distribuidas conforme as escolas e as epocas. Sobre a grande meza, illuminada por um enorme lustre de crystal, offerta do imperador da Austria, veem-se grandes albuns illustrados, edições de luxo, objectos d'arte valiosos, entre os quaes um magnifico grupo de louça. Por sobre as estantes, artisticamente dispostos, veem-se vasos etruscos, jarras de Sévres, da India, porcelanas de todas as procedencias, collecções riquissimas de pratos antigos, chavenas, taças, figuras, serpentinas, candelabros, medalhões de la Robbia, azulejos, crystaes, objectos de todas as epocas e de todos os povos, etc., etc.

Nas paredes d'esta sala admiram-se dois preciosos carvões do famoso pintor portuguez, Domingos de Sequeira. N'uma *vitrine* especial, collocada sobre um magnifico movel antigo, em alto relevo, veem-se alguns objectos antigos, de grande preço, a celebrada argola de ouro encontrada ha annos, proximo a Coimbra, braceletes romanos, um riquissimo colar arabe, alguns trabalhos rarissimos em crystal de rocha, objectos de filigrana de ouro, etc.

EL-REI D. FERNANDO

O sympathico e sempre saudoso principe, que uma congestão cerebral acaba de prostrar no tumulo, nascera a 29 de outubro de 1816, e era filho de Fernando Jorge Augusto e de Maria Antonia Gabriella, duques de Saxe-Coburgo-Gotha.

Desposára por procuração, no dia 1.º de janeiro de 1836 e em pessoa no dia 9 de abril do mesmo anno, a Senhora D. Maria II, rainha de Portugal.

Recebera o titulo de rei a 16 de setembro de 1837.

Enviuvára em 15 de novembro de 1853, ficando regente do reino durante a menoridade de seu augusto filho, o sr. D. Pedro V, proclamado rei em 19 de dezembro de 1853, até 16 de dezembro de 1855.

Passára a segundas nupcias em 10 de junho de 1869, casando morganaticamente com Madame Elisa Hensler, condessa de Edla.

Falleceu em 15 do corrente mez, no real paço das Necessidades.

S. M. el-rei o sr. D. Fernando era marechal-general do exercito; presidente da Academia real das Sciencias de Lisboa; grã-cruz de todas as ordens militares do reino, e cavalleiro do Tosão de Oiro, de Hespanha, da Annunciada, de Italia, e da Aguia Negra, da Prussia. Tinha a medalha de ouro, de bons serviços; a medalha de prata, de comportamento exemplar, e as grã-cruzes de Ernesto Pio, de Saxe-Coburgo-Gotha; de Leopoldo, da Belgica; da Legião de Honra, de França; do Salvador, da Grecia; do Elephante, da Dinamarca; do Cruzeiro, do Brazil; de Santo Estevão, da Hungria; de Leão, dos Paizes Baixos; da Corôa, de Saxonia; de Santo André, da Aguia Branca, de Santo Alexandre Mewski e de Sant'Anna, da Russia; de S. Fernando, das Duas Sicilias, e do Serafim, de Suecia.

*

Poucos mezes depois do sr. D. Fernando chegar a Portugal, era o paiz agitado pelo movimento democratico, conhecido pelo nome de *Revolução de Setembro*. A politica do illustre principe, n'aquella triste conjunctura, manifestou-se sempre como a que mais convinha ao esposo da rainha junto da sua amantissima consorte. Até 1852, o sr. D. Fernando manteve-se, como era dever seu, ao lado do throno; e inaugurada a epoca de paz, poude collocar-se, risonho e tranquillo, á frente do movimento civilisador, sem haver deixado atraz de si odios nem malquerenças.

Extinctas as luctas politicas, entregou-se S. M. francamente aos seus mais gratos prazeres, dando expansão aos seus gostos d'artista e de erudito. Todas as artes, todas, tiveram no sympathico principe um apreciador distinctissimo e um protector desvelado.

A elle e á sua poderosa iniciativa se deve o *renascimento* da arte entre nós.

El-rei tinha variados conhecimentos scientificos e artisticos. A sua educação artistica, sobre tudo, era primorosa. Toda a gente conhece os bellos trabalhos do sr. D. Fernando em porcelana, em desenho e na gravura.

Nas exposições de bellas artes, realisadas em Lisboa, el-rei sobresaía, não só pela grande quantidade de verdadeiras preciosidades que expunha, mas pelos trabalhos proprios, que apresentava, e que eram sempre notabilissimos.

Como gravador, appareceram d'elle alguns, muitos valiosos, na extincta publicação *Revista Contemporanea*, traçados em cobre e gravados em poucas horas com rara habilidade.

A primeira regencia do sr. D. Fernando, desde 15 de novembro de 1852 até 16 de setembro de 1855, ficou assignalada, entre outros actos, pela cedencia de 141:250$000 réis das dotações do infante e do rei D. Pedro V para o desenvolvimento material do paiz.

Além d'isto, el-rei cedeu, em 31 de janeiro de 1857, a titulo de donativo expontaneo, para as urgencias do thesouro, a importante quantia de 50:000$000 réis.

*

Conhecidas as suas nobilissimas qualidades de homem, e a sua pratica de negocios como politico, foram-lhe offerecidos, em differentes épocas, os thronos da Grecia e da Hespanha. O sr. D. Fernando recusou ambos, com o mais nobre desinteresse, já pela tendencia natural do seu espirito, despido d'ambições e de vaidades, já pelo muito que amava o nosso paiz, cujos destinos queria seguir de perto.

Affastando-se dos meandros asphixiantes da politica, consagrou-se ao cultivo das artes e das lettras. O convivio dos artistas notaveis e dos amigos mais intimos constituia a sua ventura suprema. A Arte, como já dissemos acima, mereceu-lhe desvelos constantes e affectos enthusiasticos: d'ahi, o cognome de *Rei-Artista*, que a nação lhe conferiu, e que era o seu maior titulo de gloria, titulo nobilissimo e bem cabido.

Realçava ainda no saudoso rei uma virtude preciosa—a magnanimidade do coração, sempre prompto a soccorrer a pobreza e a mitigar os prantos amargos do infortunio. Esta virtude, que é apanagio de toda a familia real portugueza, completava o vulto sympathico e illustre de el-rei D. Fernando.

E' grande o numero de artistas pobres, viuvas e orphãos, que elle amparava solicito, e que hoje derramam sentidas lagrimas sobre o seu cadaver inanimado.

Essas lagrimas chora-as, tambem, o paiz inteiro, sem distincção de partidos, que via em D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha um modelo de principes e o mais bondoso dos homens.

O GRUPO DO LEÃO

No intuito de dar ao nosso semanario, tanto quanto podermos, um caracter de actualidade, publicamos hoje os retratos dos sympathicos artistas que constituem o conhecido *Grupo do Leão*, fazendo-os acompanhar d'uns ligeiros perfis biographicos.

Como é sabido, aquella *troupe* de bellos artistas acaba de abrir, pela quarta vez, nas salas do *Commercio de Portugal*, o seu pequenino *Salon*, expondo ali quadros encantadores e valiosissimos.

JOÃO R. VIEIRA

Discipulo da Academia de Lisboa. Estudou esculptura com o estatuario Calmels. Produziu varias esculpturas, entre ellas um busto de *Flora*, que figurou na exposição Universal de Paris, de 1878. Ha cinco annos começou a pintar, e hoje produz quadros como os que vêmos na exposição actual, por exemplo.

MALHÔA (JOSÉ)

Estudou na Academia de Lisboa com Annunciação. Preterido n'um concurso para pensionista do Estado, essa injustiça desgostou-o a tal ponto que abandonou os pinceis; ao ver, porém, os trabalhos de Arthur Loureiro e Silva Porto, e como verdadeiro artista que era, abandonou a vida que tomara e recomeçou a pintar. Os seus progressos desde então são extraordinarios. Tem feito varias decorações, no Conservatorio, Tribunal de Justiça, etc.

COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO

Uma rica e fina organisação d'artista, indomavel a doutrinas academicas, victima da estreiteza do meio e do burguesismo ignorante da epoca. Nascido em outros tempos, e n'um meio mais faustoso e artistico, as suas obras seriam hoje consagradas, como o são as dos pintores das grandes epocas. As obras que tem produzido mostram-nos de quanto era capaz o seu talento servido pelas exigencias do seu temperamento especial.

SILVA PORTO (ANTONIO CARVALHO)

Sahido da Academia de Bellas-Artes, do Porto, completou a sua educação artistica em Paris e Roma, no convivio de artistas como Daubigny, Placencia, Commerre, Pelouse e outros, camaradas que o estimavam e tinham em muito apreço o seu comprovado talento. Com economias que realisou, poude visitar todos os museus dos Paizes-Baixos, do norte e sul da Italia, e os de Hespanha e de Inglaterra. Chegado a Lisboa com os conhecimentos que a sua profunda observação recolhera e que o seu talento soubera aproveitar e desenvolver, a sua influencia no nosso meio foi extraordinaria e immediata. Alguns rapazes de talento, que uma educação errada tinha quasi perdido, foram salvos a tempo. Provam-n'o a maior parte dos artistas do *Grupo*, sobre tudo Antonio Ramalho, que, mal comprehendido, fôra abandonado pelo professor anterior a Silva Porto, como incapaz de dar um artista!

Os seus quadros são de sobejo conhecidos para que nos occupemos agora d'elles. E conhecidos não só aqui, mas em Hespanha e em Paris, onde Silva Porto tem um nome considerado pelos trabalhos que apresentou nos differentes *Salons* e na Exposição Universal de 1878. N'um mais vasto meio, como Paris, por exemplo, a sua reputação seria universal, como é a dos Corot, Daubigny, Th. Rousseau e Bastien-Lepage.

ANTONIO RAMALHO

Caixeiro n'uma aldeia do Douro, tentou varias fugas com o fim de vir a Lisboa *pedir ao rei que lhe mandasse ensidar a ser artista*. O patrão, porém, que o não comprehendia, mimoseava-o com uma sova a meúdo. Longe de desistir do proposito, logrou escapar-se e veiu, mendigando, até uma estação do caminho de ferro, onde um sujeito, conhecendo a sua historia e as suas intenções lhe pagou um logar de terceira classe até Lisboa. Chegado aqui, foi recolhido pela policia, e, como o commissario, a quem fizera o retrato, se interessasse por elle, obteve uma pensão e entrou para a Academia. Com a vinda de Silva Porto, desenvolveu-se, e na primeira exposição do *Grupo* apresentou já quadros ricos de colorido, como o *Pomar de Antelmo*, a *Praia do Alfeite*, etc. Subsidiado pelo conde da Praia, foi para Paris, concorrendo logo no primeiro anno ao *Salon*, com o seu quadro o *Lanterneiro*, de que se occupou toda a imprensa parisiense.

GYRÃO (JOSÉ DE SOUSA MOURA)

Discipulo da Escola de Lisboa. E' hoje muito conhecido pelos seus curiosos e brilhantes quadros de gallinaceos, em que são escrupulosamente observados a vida e costumes dos habitantes da *basse-cour*.

MARTINS (JOSÉ CYPRIANO)

Filho do actor Braz Martins. Esteve na Academia do Porto. Hoje é professor da Escola de desenho industrial de Thomar.

D. MARIA AUGUSTA BORDALLO PINHEIRO

Uma verdadeira vocação artistica. Discipula de Columbanot fez a sua educação em Paris. Tem-se tornado conhecida e muito distincta, não só pelas pinturas em faiança, mas tambem pelos seus magnificos, vigorosos e potentes quadros de flores.

ALBERTO D'OLIVEIRA

Uma fina organisação d'artista e um excellente rapaz. Foi o iniciador do *Salon* entre nós, e é uma das individualidades mais activas e sympathicas do *Grupo*.

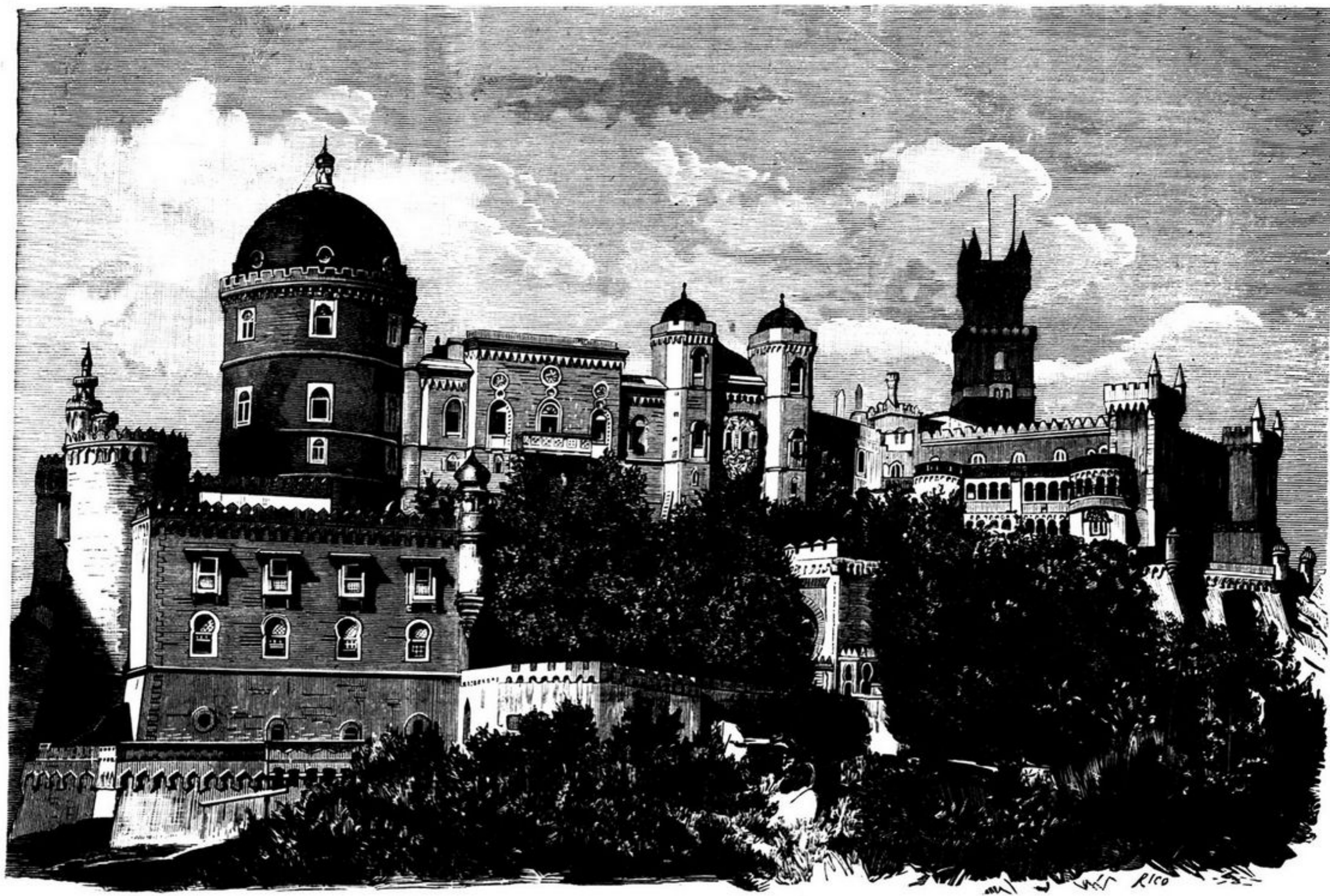
PINTO (MANUEL HENRIQUES)

Estudou na Academia. A vida correu-lhe difficil. Com uma grande força de vontade tem conseguido perder uns certos defeitos que uma má educação lhe fizera adquirir, accentuando-se os seus progressos cada vez mais. Hoje é professor da Escola de desenho industrial em Portalegre.

CHRISTINO DA SILVA (JOÃO RIBEIRO)

Filho do illustre pintor Christino. Entrou para a Escola de bellas-artes de Lisboa, onde estudou gravura. A morte de seu pae, veiu collocal-o, ainda muito novo, nas mais embaraçosas difficuldades: a familia era grnnde e a vida cara. Começou então uma lucta energica e tenaz, e difficilmente se encontrará trabalhador mais honesto e intelligente. As provas d'essa vida de trabalho encontramol-as nas paginas dos nossos jornaes illustrados, sobretudo no *Occidente*, onde o numero dos seus desenhos e gravuras é enorme. As exposições do *Grupo* são mais um documento da sua força de vontade e talento: gravador, dá-nos os quadros que temos admirado em differentes exposições.

JOÃO JOSÉ VAZ

Mau grado nosso, não damos o retrato d'este distinctissimo artista, porque não o podémos obter.

O CASTELLO DA PENA, EM CINTRA

D. BERTHA RAMALHO ORTIGÃO

E' filha do notavel escriptor, e apresenta nos seus trabalhos todas as qualidades que recommendam uma artista.

D. HELENA GOMES

Discipula de Gyrão. Os seus quadros são uma promessa.

BORDALLO PINHEIRO (RAPHAEL)

O brilhante caricaturista prova-nos que tambem seria um bom pintor. Com as suas composições admiraveis, com o seu fino espirito critico, poderia ser o Hogart dos costumes portuguezes.

MOREIRA RATO (JOSÉ M.)

Ainda estudante na escola de bellas-artes de Lisboa, obteve varias recompensas por trabalhos aqui expostos, como o *Espartano* e a *Hermengarda*, manifestações de um accentuado talento. Chegado a Paris, produzio varias obras que, expostas no *Salon*, chamaram as attenções da critica e lhe valeram uma recompensa.

SOUSA PINTO (J. J.)

Discipulo da Escola do Porto. Pensionado pelo governo em Paris, tem-se tornado distincto não só na escola, mas tambem nos *Salons*, onde já obteve varias recompensas. E' um dos nossos primeiros pintores.

O CASTELLO DA PENA, EM CINTRA

A historia do Castello da Pena tem duas epocas distinctas, ambas ellas gloriosas. Na primeira, servio de hospicio aos frades Jeronymos de Belem, e de logar de penitencia; na segunda servio de palacio, e é uma das mais deliciosas e esplendidas vivendas do mundo.

Emquanto mosteiro, foi um dos mais bellos monumentos da edade quinhentista. Fundado em 1503, pelo rei D. Manuel, no pinaculo da montanha, o *Convento da Penha*, como vulgarmente era chamado, sob a invocação de N. Senhora da Pena, tornou-se uma obra de admiravel structura e construcção. Oito annos se levaram n'aquelles trabalhos, gastando-se n'elles sommas fabulosas, pois que, além de ter de se ir cortando a rocha até ao cabeço mais levatnado da serra, teve de se terraplenar o cume, na extensão de 80 pés, a fim de melhor se assentarem os alicerces do edificio. Em 1551 ordenou o mesmo rei D. Manuel que a construcção, toda de madeira, fosse formada de solida cantaria, e abobadas no que se dispenderam mais de 30:000 cruzados.

Cintra era, então, o passeio favorito d'aquelle monarcha feliz, que muitas vezes subia ao convento e d'ali á *Cruz Alta*, para ver se descobria, como de facto descobrio, nos confins do Atlantico, a frota de Vasco da Gama voltando do Oriente.

No outro cabeço da serra erguem-se, ainda altaneiras as ruinas de um velho castello mourisco, onde ha uma cisterna d'abundante e fresquissima agua.

Quando aquelle mosteiro foi secularisado, passou para o poder d'um particular, já quasi em ruinas, e d'ali a alguns annos era adquirido pelo saudoso rei D. Fernando.

E' d'então que começa o segundo periodo da historia d'essa esplendida vivenda. Centenares de contos de réis estão enterrados n'aquella obra maravilhosa e gigantesca. Os trabalhos começaram com toda a presteza, sob a direcção do barão de Eschwege, e, em breve, como por encanto, o velho mosteiro arruinodo transformou-se no mais sumptuoso palacio real e no castello de mais encantador aspecto que póde imaginar-se.

O palacio da Pena, uma das primeiras glorias artisticas do nosso paiz, admirada por nacionaes e estrangeiros, é de estylo normando-gothico do seculo XII, conservando, todavia, a feição monastica, que lhe ajuda a dar um tom de belleza extraordinaria. A mobilia que guarnece este esplendido solar, é riquissima e no gosto da edade media; os lavores primorosos; os objectos d'arte e as guarnições de requintado luxo.

Um torreão e muralhas coroadas d'ameias, dão-lhe o aspecto d'um castello feudal. Um pateo descoberto cinge os dois corpos do palacio, e um largo caminho, murado, e por vezes aberto na rocha, vae ter, depois de muitas circumvoluções, a uma ponte levadiça que dá para a porta principal, obra de rico mimo e lavor.

O parque, que é admiravel, foi todo rasgado na serra. O panorama que se disfructa das ameias do castello da Pena é imponente. Avista-se d'ali a *Penha Verde*, que foi propriedade do invicto D. João de Castro; e as formosas quintas de *Monserrate*, da *Regaleira*, da *Penha Longa*, dos *Seteaes*, e do *Ramalhão*.

Do alto da torre da egreja vê-se a foz do Tejo e a vastidão do Oceano, que se desdobra a perder de vista no horisonte longiquo.

PARQUE E CHALET DO PALACIO DA PENA, EM CINTRA

A nossa gravura representa o parque e o *chalet* do Castello da Pena, propriedade do fallecido rei, o sr. D. Fernando.

O formoso *chalet* é de uma elegancia encantadora e de um bom gosto inexcedivel. Dir-se-ia construido de proposito para habitação de fadas e para inspiração de poetas, no meio d'aquella vegetação luxuriosa e opulenta, que deslumbra a vista, encantando a alma.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Eis aqui o que é magnifico no homem e na mulher—1—2.
Nota que esta ave agrada quando faz frio—1—2.
E' desagradavel na terra esta ninharia—2—2.
Em qualquer coisa se encontra o que faz a ceifeira n'esta ilha—1—2.
Anda no rio uma ave ao som d'esta canção—2—2.
Aqui, n'esta serra, está um habitante da agua—1—2.
Nota que ella tem affeição a este habitante do mar—1—2.
Todos temos compaixão d'este peixe—3—1.
Abafa, abafa e abafa—2—2.

J. F. B.

EM VERSO

E' nota e mais nota,—1
E esta tambem.—1
E' verde ou é preto,—1
E mais nota vem.—1
Homem sem juizo!
Vergonha não tem.

Para fazer a primeira,—1
é preciso esta sentir.—1
Empunhado com valor,
muita gente vi fugir.

J. A. MARQUES.

LOGOGRIPHO

(POR LETTRAS)

(A' ex.ma sr.a D. Maria do Carmo da Silva Reis)

Quando fui a passeiar,
vi jardim delicioso,—2—9-4—1—9.
aonde estava pastando
um animal prestimoso.—1—9—3—4—9.

Mais adiante encontrei
outro animal bem diff'rente,- 6—7—4—4—9.
e, por ultimo, um, feroz,
que até chega a comer gente! - 8—9—6—9.

Assim que vi quem elle era,
a fugir-lhe me apressei;
e, para bem lhe escapar,
este logo atravessei.—4—5—9.

Minha comida é de fogo,
e beber não é costume.
Os olhos deitam-me fumo,
a bocca deita-me lume.

(Adivinha pop.) J. DIAS VELLOZO.

ADIVINHAS POPULARES

Por conta, peso e medida,
Vivo muito desejado;
Em pontos de tratamento
Sou bastante delicado.

Negocios, jornadas, tudo
Ajustado e promettido,

Raras vezes se conclue
Sem que eu seja alli ouvido.

De doze irmãs sou amparo,
Recolhidas e donzellas,
Que por mudas não se explicam;
Eu é que fallo por ellas.

Eu tenho um prestimo só,
E sou por isso estimada;
Tenho um demonio a servir-me,
Sem elle não posso nada.

Trago sempre um cão commigo,
Não para que me defenda;
Meu dono se põe á mira
Quando mostro minha prenda.

Não provo nenhuma carne,
Bem que m'a vejam buscando;
Como uma colher de grão,
Com que fico arrebentando.

PROBLEMA

Uma senhora tem quatro filhos, dois dos quaes são gemeos. As edades d'elles differem entre si d'uma quantidade constante, e a somma de todas é egual a 24. Pergunta-se qual póde ser o maior e o menor intervallo de tempo decorrido entre o nascimento de dois filhos, e n'estas duas hypotheses que edade tem cada um.

M. D'ALMEIDA.

ENIGMA

Evora. AUGUSTO J. N. SANTOS.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Fabula—Salmão—Sarabanda—Perola—Catasol—Damaso—Reitor.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Naveta—Parafuso.

DO ENIGMA:—Cacara-cacara.

DAS ADIVINHAS POPULARES:—Rato—Carvão.

DO PROBLEMA:—Representando por x e y as distancias de Belem e da Porcalhota ao jardim zoologico, e por v e v' as velocidades de Pedro e Manuel, tem-se $\frac{x}{y}=\frac{v}{v'}$; mas $y=v$ e $x=\frac{9}{4}v'$; logo $\frac{x}{y}=\frac{9v'}{4v}$ e portanto $\frac{v}{v'}=\frac{9v'}{4v}$ ou $\frac{v^2}{v'^2}=\frac{9}{4}$ e finalmente $\frac{v}{v'}=\frac{3}{2}$. Sendo pois $x-y=3$ e $\frac{x}{y}=\frac{3}{2}$ é $x=9$ e $y=6$, e 15 kilometros a distancia percorrida pelos dois moveis. Mas Pedro andou 6 kilometros n'uma hora; logo andou 9 kilometros em 1 hora e meia; Manuel andou 9 kilometros em 2 horas e $\frac{1}{4}$: logo andou 6 kilometros em 1 hora e meia. O primeiro levou portanto 2 horas e meia para andar 15 kilometros, e o segundo 3 horas e $\frac{3}{4}$ para andar a mesma distancia, e as velocidades são evidentemente 6 kilometros para o primeiro e 4 para o segundo.

UM DRAMA HISTORICO

E' facto incontestavel, e cada vez mais evidente, que o theatro portuguez, á parte rarissimas excepções, vive ha muito a existencia passiva e ingloria do parasita, que se nutre á custa do sangue alheio.

Quando se operou na arte a segunda Renascença, em virtude da qual o romantismo, capitaneado em França por Victor Hugo, Gautier e George Sand, desthronou os velhos idolos classicos, mumificados nos poeirentos archivos das Academias, Portugal ergueu-se em um bello impeto glorioso e o theatro, arrancado ao seu legendario somno, quasi sem intermittencias, pelo vigoroso braço de Garrett, o *leader* do romantismo áquem dos Pyrineus, produziu essas admiraveis obras primas, que são de todas as epochas e fulgirão sempre, inaccessiveis, no seu nimbo immortal, atravez de todas as evoluções: *Fr. Luiz de Sousa*, *Alfageme de Santarem*, *Captivo de Fez*, etc.

Ao lado do brilhante revolucionario, a quem o theatro portuguez deve a sua mais gloriosa pagina, sobresaiu n'essa epocha o vulto de um homem que a sua extrema modestia deixou sempre, mais ou menos, na sombra, o doutor Antonio Joaquim da Silva Abranches.

E' d'elle o *Captivo de Fez*, um drama historico de uma larga envergadura, adstricta a um quadro habilmente pintado, onde os lances, respigados pelo autor no estudo attento das chronicas, resaltam, vasados no molde de uma linguagem vernacula e sobria, profundamente apaixonada e singularmente elegante.

Erguida a scena nacional ao ponto culminante em que a levantou a constellação, no meio da qual Garrett fulgia como um astro de primeira grandesa; entrado o theatro portuguez em um periodo de verdadeiro renascimento, á hora em que o romantismo vencia em toda a linha, derrubando os antigos deuses e fallando ás plateias, palpitantes de enthusiasmo, a inebriante e attractiva linguagem da paixão, do heroismo, das epicas façanhas, das finas sensibilidades, cantadas na musica do verso ou trabalhadas no sonoro bronze da prosa, tal qual a fundiam esses gigantescos operarios; creada uma forma nova no theatro de Gil Vicente, sob o mesmo influxo transformador que illuminara de um novo aspecto deslumbrante o theatro de Corneille e de Racine, parecia que a scena nacional não poderia retrogradar e deveria, de futuro, caminhar a par de todos os progressos, na esteira gloriosa de todos os triumphos.

Não succedeu assim! E com o ultimo alento do cantor da *D. Branca*, dir-se-ia que morreu o theatro que elle encheu com a sua colossal estatura.

Depois d'elle, outros appareceram; alguns, como Pinheiro Chagas e Antonio Ennes, conseguiram arrebatar as plateias, arrastal-as, soluçantes e tremulas de commoção, sob o avassalador imperio do talento; mas nenhum d'elles attingiu a superioridade do auctor do *Fr. Luiz de Sousa*, e ambos pararam no meio da sua operosa faina, como que cedendo ao cançaço ou ao desanimo, que alcançam, tarde ou cedo, todos quantos em Portugal se dedicam á arte de escrever, e muito especialmente á litteratura dramatica.

Segundo uma theoria de Taine,—o escriptor, seja qual fôr a forma d'arte em que se exerce a sua actividade mental, soffre, fatalmente, a influencia climaterica do torrão onde nasceu e do meio onde vive.

Esta theoria, applicada ao microcosmo em que tem de funccionar o artista portuguez, impõe-se-nos com uma evidencia incontestavel.

Em geral, o auctor dramatico inspira-se na corrente dos acontecimentos; a excitação do seu cerebro, indispensavel á gestação do pensamento e á modelação das figuras que elle tem de fazer viver na tela do drama, está estreitamente vinculada ás fórmas exteriores, que na sua complexidade e por meio da sua vibração phisica, psychica e sensiente, lhe fornecem o assumpto, vivo e real, e lhe transmittem a impressão nervosa, que faz da obra d'arte uma obra humana, uma obra sentida e vivida, uma obra que interessa, convence e nos arrasta, subjugados, por isso que está ali o nosso pobre coração ulcerado, com todas as suas luctas despedaçadoras, com todas as suas maguas incomprehendidas, com todas as suas dores e miserias.

A vida de um paiz pequeno, condemnado pela immutavel le do atavismo ás scismas melancolicas e ás indolencias contemplativas, que caracterisam, ethnographicamente, as raças maritimas e guerreiras, descendentes dos arabes,—o povo essencialmente romanesco;—a uniformidade de uma existencia sem nenhuma das variadas perspectivas e dos innumeros aspectos, succedendo-se vertiginosamente, como os cambiantes de um kaleidoscopo; sem a eterna luta de paixões, de interesse, de ambições e de crimes que se agitam sem cessar, em perenne ebulição, nas grandes capitaes, não pode fornecer ao artista o material indespensavel á elaboração do drama.

O assumpto que se offerece a cada instante ao escriptor francez, que o procura, que se lhe impõe, que o possue, n'essa fornalha incandescente e devoradora, que se chama Paris, falta inteiramente ao escriptor portuguez, que na impossibilidade de assimilar, tem forçosamente de inventar.

Resta o drama historico, modelado na corrente retrospectiva da tradição, revivendo para os contemporaneos vultos heroicos, occultos na poeira das chronicas.

Mas o drama historico tem exigencias implacaveis, não só para aquelle que o escreve, como para aquelle que o interpreta.

A espectativa do publico, sempre que se trata d'este genero de peças, reveste tambem, pela sua parte, um caracter assustador.

A plateia, que se interessa e apaixona por um facto moderno, por uma idéa, uma these ou uma theoria em que se estabeleça a concatenação que liga a ficção á realidade, pedindo-lhe apenas que a divirta ou a commova, permanece indifferente e

desdenhosa sempre que o drama historico, em que se desdobra uma epocha remota, perdida na sombria noite do passado com as suas paixões diversas das nossas, com os seus interesses, os seus jubilos e angustias, que não se assimelham ás nossas dores e alegrias, não possua a vibrante e fascinadora eloquencia de um grande talento, robustecido pela sciencia ethnographica de um erudito.

Brilha d'esse raro dualismo o drama historico *D. João II*, do sr. conde de Villa Franca.

O prologo d'este drama, enriquecido de copiosas notas, notavel pela pureza do estylo terso e sobrio, afluindo, espontaneo e ductil, á evocação do pensamento, conduzido com um religioso escrupulo chronologico, soccorrendo-se a cada passo a curiosos excerptos, bebidos nas chronicas, nos livros de viagens, nos cancioneiros, etc., cuidando sempre de investigar o facto verdadeiro por entre os tortuosos dedalos da tradição; este admiravel prologo, onde o erudito caminha a par do estylista, é o pedestal de oiro onde se levanta, em toda a sua esculptural belleza, o vulto profundamente dramatico de D. João II, *o principe perfeito*.

O drama, dividido em 5 actos, delineados com singular competencia theatral, ferteis de lances formosissimos, susceptiveis de commoverem o publico menos impressionavel, revive diante do nosso maravilhado olhar o seculo XV, reconstruido com uma fidelidade historica, com um meticuloso respeito pela verdade, observado nos mais insignificantes detalhes.

Desde o descriptivo até ao dialogo, sente-se a obstinação paciente e methodica de um investigador consciencioso, que se absorveu plenamente e infatigavelmente na elaboração da sua obra.

A phisionomia de D. João II, desassombrada da sua tenebrosa legenda, perde na téla do drama a expressão feroz, o aspecto vingativo, a vaga similhança com um Nero convencional, que muitos escriptores lhe attribuem.

O auctor, namorado da sua formosa tentativa de rehabilitar a memoria do filho de D. Affonso V, transigindo, talvez, um pouco com o seu optimismo, mas tendo sempre o cuidado de chamar em sua defeza o depoimento dos chronistas da época, taes como Rezende e outros, pinta-nos o matador do duque de Vizeu como

PARQUE E CHALET DO PALACIO DA PENA, EM CINTRA

um fino e vibratil temperamento, tocado de uma vaga melancolia, accessivel aos affectos brandos, ás effusões dulcissimas, aos generosos impulsos; fallando, por vezes, como um trovador provençal, tangendo o arrabil aos pés da sua dona, e procedendo sempre como exemplar de reis e modelo de principes.

Os amores de D. João II com D. Anna de Mendonça, a seductora dama de honor da *Excellente senhora*, assimilhando-se no impetuoso ardor, no reciproco enlevo d'alma e no amargo pranto que desfolha as flores desabrochadas no diluculo da ventura, ao tragico idyllio de D. Pedro e Ignez de Castro; esses amores que se exprimem em dialogos esmaltados de finos conceitos, constituem o nucleo do drama e transmittem-lhe a dominadora e irresistivel eloquencia que é de todas as épocas e attrahe, por espontaneo impulso, todas as plateias:—a eloquencia da paixão!

GUIOMAR TORREZÃO.

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA FAZER DESAPPARECER AS VERRUGAS E AS FRIEIRAS

As verrugas podem produzir-se sobre diversas partes do corpo. Quando são de formação recente, é facilimo fazel-as desapparecer, tocando-as todas as noites com um pequeno pincel imbebido d'acido acetico, ou com sabão preto. Quando são antigas, é preciso extirpal-as pela raiz, e friccional-as emseguida, muitas vezes, com sal ammoniaco e agua.

Esta mesma substancia cura, tambem, as frieiras que não estiverem ulceradas; se o estão, é mister tocal-as todos os dias com tintura d'aloés, cobrindo-as depois com papel de filtrar e panno de linho.

A RIR

N'um café:

—Sabe que eu tenho a coragem das minhas opiniões...

—E eu tenho a mais triste opinião ácerca da sua coragem!

*

O sr. X... discute com sua esposa ácerca do brinde que lhe ha de dar no dia dos seus annos.

—O que te dei no anno passado? minha querida.

—Uma capa forrada de setim. Por tal signal, não a pagaste.

—E' verdade! Pois bem; este anno far-te-hei o brinde de a pagar.

*

O cumulo da etiqueta para um inquilino:

Deitar luto, por ter expirado o praso do seu arrendamento.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA